

“*Deus caritas est*”: bases para a operacionalização da noção de *éthos*

Sueli Ramos-Silva*

Resumo: Este trabalho tem por objetivo amplo desenvolver interpelações a respeito da conexão entre o nível profundo da geração do sentido e a instância enunciativa, respeitado o ponto de vista tensivo que, segundo Zilberberg (2006), torna possível a articulação da tensividade com a retórica. A fundamentação teórica utilizada, para atingirmos os objetivos do estudo proposto, consiste nas bases teóricas da semiótica greimasiana, de linha francesa, tomada também em seus desenvolvimentos tensivos por Zilberberg (2006) e os enfoques contemporâneos da Nova Retórica obtidos, principalmente, por meio dos trabalhos de Meyer (2007) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Desenvolvemos, dessa forma, a noção semiótica de estilo, com vistas às propostas de operacionalização da noção de *éthos*, conforme subsídios encontrados tanto numa estilística discursiva, como no referido “ponto de vista tensivo”. Procuramos, portanto, mediante essa conexão, fornecer as bases para a operacionalização da noção de *éthos*, observado no discurso de divulgação religiosa da carta encíclica “*Deus caritas est*”, documento promulgado pelo sumo pontífice Bento XVI, em 25 de dezembro de 2005. A análise da encíclica levou a caracterizá-la pela presença de um estilo marcado por um conteúdo doutrinário, clareza, referências à língua latina e pelo efeito de inquestionabilidade, consumado pela utilização da narrativa bíblica fundadora, o que configura um *éthos* de tom de voz altivo e apegado aos valores da tradição. Observamos, assim, o *éthos* de um intelectual católico, de um teólogo que pretende defender, construindo e não apenas transmitindo, as bases de uma doutrina universal. Esse sujeito, apesar de seu caráter doutrinário e injuntivo, apresenta, ao mesmo tempo, traços de uma imagem benevolente, ao englobar em sua exposição da dimensão *caritas-ágape* as demais concepções de amor.

Palavras-chave: divulgação religiosa, retórica, *éthos*, ponto de vista tensivo

Introdução

Este artigo tem por objetivo estabelecer algumas reflexões preliminares no que diz respeito à concatenação entre o nível profundo e as instâncias enunciativas, tendo por base o ponto de vista tensivo proposto pela semiótica.

A fundamentação teórica utilizada, para que fosse possível alcançar os objetivos do estudo proposto, consiste nas bases teóricas da semiótica greimasiana, de linha francesa, tomada também em seus desenvolvimentos tensivos por Zilberberg (2006) e nos enfoques contemporâneos da Nova Retórica obtidos, principalmente, por meio dos trabalhos de Meyer (2007) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005).

Desse modo, tomaremos e ampliaremos o diálogo proposto por Zilberberg (2006) entre o ponto de vista tensivo da semiótica e a retórica, que servirá de base necessária para a articulação da noção de estilo e de *éthos* à semiótica tensiva. Procuramos, portanto, mediante esse diálogo, fornecer as bases para a opera-

cionalização da noção de *éthos*, observado no discurso de divulgação religiosa da carta encíclica “*Deus caritas est*”, documento promulgado pelo sumo pontífice Bento XVI, em 25 de dezembro de 2005.

A encíclica é um documento pontifício de autoria do Romano pontífice para exercer seu magistério ordinário. Dirige-se diretamente aos bispos e por meio deles aos fiéis da Igreja Católica (leigos) e às pessoas de boa vontade. A encíclica tem por temática matéria doutrinária de campos diversos: fé, costumes, culto, doutrina social etc. Nelas, o Papa expõe sua posição a respeito de diversas questões que envolvam fé e moral. Embora a matéria nela contida, não seja formalmente objeto de fé, se é devido o assentimento exterior e interior. O conteúdo temático do texto referido se concentra sobre a concepção e a prática do amor na Sagrada Escritura e na Tradição da Igreja, sem prescindir da dimensão que esse conceito tem nas diversas culturas e na linguagem atual.

* Universidade de São Paulo (usp). Endereço para correspondência: { sueliling@yahoo.com.br }.

No que diz respeito à estrutura composicional do referido texto, vemos que o enunciado se compõe de duas partes: (a) a primeira parte, de índole mais especulativa, procura especificar “alguns dados essenciais sobre o amor que Deus oferece de modo misterioso e gratuito ao homem, juntamente com o nexo intrínseco daquele amor como realidade do ser humano” (Bento XVI, 2008, p. 4); (b) a segunda parte, de caráter prático, trata do serviço da caridade, concebida como atividade da Igreja enquanto manifestação do amor.

Teríamos como resultante da argumentação dessa encíclica uma concepção una de amor (compacta/concentração) que englobaria uma definição comum, ou teríamos uma concepção universalizante (difusa/expansão) que englobaria as demais?

Procuramos verificar, portanto, mediante a análise realizada, como se caracteriza o convite de amor proposto pelo enunciador mediante um estilo pautado por uma direcionalidade tensiva particular.

1. Semiótica e retórica: bases para a operacionalização da noção de *éthos*

Segundo Zilberberg (2006, p. 165), é difícil precisar o lugar da retórica no seio das ciências da linguagem. Ele propõe uma revitalização e associação da retórica, relegada a segundo plano, na maioria das vezes, ao ponto de vista tensivo da semiótica.

De acordo com Barros, os diálogos que a semiótica tem travado no âmbito da ciência retórica tem sido muito produtivos,

[...] seja no tratamento das questões discursivas de persuasão e argumentação, com os contratos fiduciários, a interação entre sujeitos e a construção da identidade e do *éthos* do enunciador, seja no exame das figuras de conteúdo e expressão (2008, p. 27)

Neste artigo, serão apresentados alguns desses pontos de contato, na medida em que eles tornem possível atingir os objetivos propostos no que diz respeito à associação entre semiótica tensiva e retórica e à noção de estilo.

Com base nessa associação, poderíamos relegar o nível discursivo como sendo o lugar por excelência da retórica? O próprio *Dicionário de semiótica* estabelece essa afirmação com reserva; vejamos:

O interesse atual pela retórica explica-se pelo reaparecimento, sob o impulso da semiótica, da problemática do discurso. Se bem que não possam, por razões evidentes, ser integrados tais quais na semiótica discursiva, certos campos teóricos da antiga retórica correspondem às preocupações atuais e merecem

ser explorados (Greimas & Courtés, 2008, p. 421).

Zilberberg destaca ainda os dois campos de ação do discurso persuasivo: (a) a argumentologia, implicativa e de atonia reduzida; (b) a tropologia, concessiva e de maior tonicidade.

Destacamos dos capítulos iniciais da obra *Éléments de grammaire tensive*, as particularidades que definem o denominado “ponto de vista tensivo”, que é, segundo o autor, herança incerta da retórica.

Detenhamo-nos, portanto, em vislumbrar os desenvolvimentos principais ao longo da obra.

Um dos conceitos de que Zilberberg trata é o de direção (2006, p. 12), que pode ser descendente, quando a estesia caminha para a anestesia, e ascendente, quando ocorre o contrário. Dessa direção, decorrem os estilos tensivos: (a) ascendente, da resolução ao assomo, ou seja, do inteligível para o sensível; (b) descendente, do assomo à resolução. A depreensão de unidades é apresentada como um problema sempre renovado em semiótica, tendo sua origem nos estudos saussurianos. Nesse raciocínio, o autor admite o “mais” o e o “menos” como unidades extremas da progressividade e da degressividade. Caracterizam-se, dessa forma, os estilos ascendentes segundo a orientação do *menos* para o *mais* e os estilos descendentes, orientados do *mais* para o *menos*. O autor procura demonstrar de que maneira, a partir de uma direção identificada, acabam se projetando unidades.

Procuramos associar, assim, a noção de estilo desenvolvida por Discini (2005), que ultrapassa o que Bakhtin propõe, ao ponto de vista tensivo proposto por Zilberberg. Para Zilberberg (2006, p. 48), ascendência e descendência são vistas como direções; atenuação e minimização/restabelecimento e recrudescimento como categorias e as derivadas da ordem subsequente configuram unidades.

Ainda no que diz respeito às singularidades do modelo tensivo, merece destaque a introdução dos conceitos de implicação e concessão, o primeiro referente à gramaticalidade das regras e o segundo aos enunciados de ruptura consensuais.

Tomaremos a noção de direção tensiva, concernente aos dois estilos tensivos propostos pelo autor, a implicação e a concessão. Reservaremos, tal como propõe Zilberberg, a sintaxe tensiva, que opera por aumentos e diminuições, à retórica. Aliás, aumentos e diminuições são definidos por Meyer como instrumentos retóricos essenciais: “o mais e o menos são, portanto, instrumentos retóricos essenciais. O recurso à quantidade desempenha um papel fundamental, pois permite acentuar as diferenças e minimizar as demais” (Meyer, 2007, p. 51).

Para Zilberberg (2006, p. 172), o linguista Roman Jakobson, autor de *Linguística e comunicação* entre outros, em sua época, teria ido longe na identificação

entre a retórica e a semiótica, segundo o que ele considera um ponto de vista contestável, pois de acordo com a concepção de Jakobson, o eixo paradigmático seria o eixo das similaridades e o eixo sintagmático, o das contiguidades. Assim, a metáfora seria a figura por excelência da similaridade e a metonímia a figura da contiguidade. Sendo assim, onde se encaixariam as outras figuras, pergunta o autor?

Para tentar responder, tomemos de início a seguinte definição de Meyer (2007, p. 88):

O objetivo das figuras é instaurar uma identidade que salienta um traço comum — para chamar a atenção sobre o que conta, no espírito de quem o utiliza. Uma evidência, uma presença — especificava Perelman, mas, de qualquer forma, uma substitubilidade que diz *o que* está em causa, *o que* é sujeito da discussão, mesmo que a título de resposta.

Segundo Ramos-Silva e Minussi (2008, p. 5),

[...] o enunciador pode realizar a combinação, de temas e figuras, de formas diferenciadas com o propósito de chamar a atenção de seu enunciatário para um determinado aspecto da realidade que busque descrever ou explicar.

Ainda segundo os autores, um texto conotativo, “não apenas diz o mundo, mas recria-o por meio da linguagem, sendo predominante, portanto, não só o que o texto diz, mas a maneira de dizer o que diz”. Dessa forma, “a materialização textual passa a ser significativa na produção do sentido, com realce para o modo particular de combinação de temas e figuras, nas quais se destaca a utilização de recursos diferenciados” (Ramos-Silva; Minussi, 2008, p. 5).

Os autores procedem à seguinte questão: quais elementos poderiam conferir homogeneidade a um gênero discursivo, “senão o seu estilo, pautado pela função poética predominante e a maneira pela qual a imagem do enunciador nos deixa entrever seu corpo, tom, voz, caráter e corporalidade na constituição de um modo de dizer e de ser específicos?” (Ramos-Silva; Minussi, 2008, p. 5).

A relevância do plano de expressão no estabelecimento de novas relações de sentido em sua organização e os modos específicos de combinação de figuras e temas para a construção de um determinado efeito de sentido, como já dissemos anteriormente, poderá nos propiciar a caracterização do estilo dos textos, o que relacionaremos às noções de estilo ascendente e descendente pospostos pela semiótica tensiva.

Assim, para que possamos delinear o *éthos*, ou seja, o estilo, e, por conseguinte, o modo de presença característico desse discurso, tomemos algumas definições a respeito das noções de *éthos* e modo de presença.

O *éthos* não é dito; ele se mostra por meio das marcas da enunciação depreensíveis do enunciado e pelo modo particular de combinação de temas e figuras. Por meio desses mecanismos, veremos emergir o juízo de valor e, por conseguinte, o ponto de vista do observador (ator debruado), o qual remete, por sua vez, ao enunciadador.

2. Carta encíclica “*Deus caritas est*”

Tomemos como base os seguintes segmentos recortados do texto analisado:

“Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele” (1 Jo 4, 16). Estas palavras da I Carta de João exprimem, com singular clareza, o centro da fé cristã: a imagem cristã de Deus e também a consequente imagem do homem e do seu caminho. Além disso, no mesmo versículo, João oferece-nos, por assim dizer, uma fórmula sintética da existência cristã: “Nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem”. Nós cremos no amor de Deus — deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida [...]. Num mundo em que ao nome de Deus se associa às vezes a vingança ou mesmo o dever do ódio e da violência, esta é uma mensagem de grande atualidade e de significado muito concreto. Por isso, na minha primeira Encíclica, desejo falar do amor com que Deus nos cumula e que deve ser comunicado aos outros por nós. Estão assim indicadas as duas grandes partes que compõem esta Carta, profundamente conexas entre si. A primeira terá uma índole mais especulativa, pois desejo — ao início do meu Pontificado — especificar nela alguns dados essenciais sobre o amor que Deus oferece de modo misterioso e gratuito ao ser humano, juntamente com o nexu intrínseco daquele amor com a realidade do amor humano. A segunda parte terá um caráter mais concreto, porque tratará da prática eclesial do mandamento do amor ao próximo. O argumento aparece demasiado amplo; uma longa explanação, porém, não entra no objetivo da presente Encíclica. O meu desejo é insistir sobre alguns elementos fundamentais, para assim suscitar no mundo um renovado dinamismo de empenhamento na resposta humana ao amor divino (Bento XVI, 2008, p. 3-5).

O sujeito da enunciação é considerado um sujeito realizador de um programa de construção de um objeto de valor cognitivo: a encíclica. Os valores católicos de

defesa da vida veiculados nesse objeto-discurso são comunicados ao sujeito da enunciação (comentador) pelo destinador-manipulador (formação discursiva católica). Cabe ao receptor interpretante, destinatário-sujeito, imbuído pelo papel temático de destinador-julgador, sancionar o fazer do sujeito da enunciação. O sujeito da enunciação (agente de prestígio, Papa), dado o poder e autoridade de Pontífice Universal, como máxima autoridade da Igreja Católica, tem seu fazer reconhecido: a exposição da matéria de fé e moral deve ser executada e praticada pelos membros da formação discursiva considerada.

A atualidade do enunciado se desenvolve, tal como afirma Branco (2009, p. 169), pois, mesmo que a encíclica se volte predominantemente a “um enfoque teológico e bíblico desse amor cristão, é um texto que ressalta o ‘humano’ do amor e as relações cotidianas que respondem a esse amor cristão”. O enunciado da encíclica realiza-se, portanto, como uma forma de resposta e chamamento à conversão, pois “num mundo em que ao nome de Deus se associa às vezes a vingança ou mesmo o dever do ódio e da violência, esta é uma mensagem de grande atualidade e de significado muito concreto” (Bento XVI, 2008, p. 4).

No discurso de divulgação, observamos a presença dos actantes: comentador e destinatário. Cabe ao sujeito divulgador (Papa) propiciar a intermediação entre os dois mundos históricos (o texto e o público). O divulgador deve realizar a intermediação e tradução de um discurso bíblico original, ausente de autoria “seu autor é apenas o representante inspirado de uma entidade sem rosto: Deus, a Razão, o Espírito” (Maingueneau, 2008, p. 203). O sujeito que busca a conversão é também um avaliador e, dessa forma, a interpretação produzida pelo fazer interpretativo do destinatário deve legitimar a comunidade da qual fazem parte o comentador e seu destinatário (Maingueneau, 2008, p. 204).

Essa “tradução” da narrativa fundadora em narrativa de comentário é realizada segundo a seguinte hierarquia de actantes/atores: (1) Nível superior (alto) — universo celeste: Deus; Espírito Santo; (2) Nível inferior: fleis (leigos) → busca do O_v “salvação”; (3) Nível intermediário, superior aos fleis: comentador (divulgador); fiador; mediador autorizado da palavra de Deus.

Situa-se, portanto, no nível intermediário, o comentador (agente de prestígio, Papa) sujeito dotado de competência prática (devoção) e competência teórica (conhecimento da doutrina).

Os papéis actanciais são assumidos na narrativa de comentário pelo divulgador (narrador/comentador) e pelo receptor (narratário). Desenvolve-se, assim, a *performance* principal operacionalizada por esse discurso: a consumação de um comentário informativo, mediante o qual o saber comunicado pela narrativa

realiza-se como um objeto-modal e como um objeto-valor.

Consideramos o comentário, de acordo com Panier (1986, p. 273), como a realização de um fazer interpretativo. Tratamos o comentário como a integração narrativa do motivo da narrativa de referência.

A modalização deôntica apresenta um dever-fazer instaurado pelo destinador: dever agir como um leigo, um crente católico. Ao operar com a revelação dos saberes a respeito do conteúdo do amor na fé católica, o discurso busca a adesão do destinatário por meio da manipulação executada pela modalização deôntica do dever-fazer (prescrição). O enunciatário manipula o enunciatário para dever-saber e crer-poder-saber entrar em conjunção com os valores ideológicos propostos. Dessa forma, o modo próprio do enunciatário desse discurso busca a adesão de sua imagem pelo enunciatário a ele pressuposto, que deve, por conseguinte, “viver o amor e, deste modo, fazer entrar a luz de Deus no mundo” (Bento XVI, 2008, p. 71).

3. Procedimentos argumentativos: o *éthos* do sujeito divulgador católico

Se a nossa proposta consiste em fornecer as bases para a operacionalização da noção de *éthos*, no que diz respeito à associação entre semiótica tensiva e retórica concernente à noção de estilo, vejamos quais os procedimentos argumentativos utilizados pelo enunciatário da divulgação especializada, segundo os quais nos é possível entrever seu corpo, tom, voz, caráter e corporalidade na constituição de um modo de dizer e de ser específicos.

3.1. Argumento de autoridade

Há uma retórica característica de todos os discursos institucionais: a autoridade concedida à tomada da palavra pelo porta-voz autorizado coincide com os limites delegados pela instituição. As características estilísticas da linguagem nos quadros dos porta-vozes delegados de qualquer instituição derivam da posição que ocupam esses depositários da autoridade delegada.

O uso da linguagem, ou melhor, tanto a maneira como a matéria do discurso, depende da posição social do locutor que, por sua vez, comanda o acesso que se lhe abre à língua da instituição, à palavra oficial, ortodoxa, legítima (Bourdieu, 1998, p. 87).

De acordo com Bourdieu (1998, p. 91), para que um enunciado seja reconhecido, ele deve ser pronunciado por alguém autorizado a fazê-lo. O enunciatário (voz autorizada — máxima autoridade da Igreja Católica) e

os enunciatários aos quais ele se dirige são designados no próprio título da referida carta.

Carta encíclica

Deus caritas est

Do Sumo Pontífice Bento XVI

Aos Bispos, Aos Presbíteros e Diáconos, às Pessoas Consagradas e a Todos os Fiéis Leigos sobre o Amor Cristão (Bento XVI, 2008, p. 1).

Tomando por base o fato de que para que a argumentação se desenvolva, um enunciador deve se dirigir a um determinado auditório o qual procura convencer ou persuadir, ele deve ter como pressuposta uma imagem desse enunciatário, saber seus valores, crenças, desejos e, por sua vez, esse enunciatário também fará uma imagem pressuposta desse enunciador.

Branco (2009, p. 168) refere-se à surpresa suscitada pelo lançamento da referida encíclica, em janeiro de 2006, no que diz respeito à temática escolhida: o amor. Segundo Branco (2009, p. 168), Bento XVI já teria por princípio a resposta a uma imagem anterior “fria e dura” que se fazia dele, por oposição ao seu “carismático antecessor, João Paulo II”. Seria possível, tal como propõe a autora, que a própria escolha da concepção de amor como tema da encíclica fosse uma resposta a essa imagem que se fazia dele, já que o amor sensibiliza as pessoas? Embora a escolha da temática seja determinante, acreditamos que a força argumentativa empregada, bem como as marcas deixadas no enunciado e que remontam a essa imagem de si, sejam mais determinantes para a caracterização desse *éthos* benevolente que se propõe construir.

Como já dissemos anteriormente, o enunciador, voz autorizada, procura desenvolver a temática do amor cristão na sagrada Escritura e na Tradição da Igreja sem prescindir da sua concepção na linguagem atual e demais culturas.

Citações e alusões bíblicas permeiam todo o enunciado da encíclica a fim de lhe conferir o caráter de instrumento autorizado. Vejamos alguns excertos:

“Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele” (*1 Jo 4, 16*) [grifos nossos] (Bento XVI, 2008, p. 3).

O crente israelita, de facto, reza todos os dias com as palavras do *Livro do Deuterónimo*, nas quais sabe que está contido o centro da sua existência: “Escuta, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças” (6, 4-5). Jesus uniu — fazendo deles um único preceito — o mandamento do amor

a Deus com o do amor ao próximo, contido no *Livro do Levítico*: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (19, 18; cf. *Mc 12, 29-31*). Dado que Deus foi o primeiro a amar-nos (cf. *1 Jo 4, 10*), agora o amor já não é apenas um “mandamento”, mas é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro [grifos nossos] (Bento XVI, 2008, p. 3-4).

Observemos a presença da referência bíblica a I Carta de João, “Deus é amor e quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele” (I Jo, 4, 16), colocada logo no início do enunciado da encíclica. Essa referência constitui-se como fonte primeira e fiadora do discurso instrucional considerado, ou seja, institui-se como discurso fundador do enunciado da encíclica, graças ao caráter de autoridade proporcionado pela palavra revelada. Essa referência bíblica é apresentada como a expressão do “centro da fé cristã: a imagem cristã de Deus e também a consequente imagem do homem e do seu caminho” (Bento XVI, 2008, p. 3). Em seguida, no mesmo parágrafo, o autor expõe o que considera a fórmula sintética da existência cristã, presente no mesmo versículo bíblico: “nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem” (Bento XVI, 2008, p. 3).

É interessante observar como o enunciado da encíclica retoma esse discurso fundador e o expande no espaço-tempo.

Assim, por meio de um programa narrativo baseado em um contrato fiduciário, o destinador busca convencer o destinatário-sujeito por meio do argumento de autoridade expresso pela referência à palavra divina.

De acordo com Maingueneau (2008, p. 208), a Bíblia apresenta um duplo funcionamento: (a) conjunto de textos; (b) reservatório de citações para os membros de uma sociedade. O narrador executa uma triagem de citações, na qual o comentário se utiliza da narrativa bíblica incorporando-a aos valores da formação discursiva considerada.

A narrativa fundadora, enquanto enunciado destacado, é uma unidade autônoma, completa; expressão de um pensamento transcendente, cujo sentido é explicitado e desdobrado pelo comentador/divulgador.

Desse modo, para veicular uma mensagem abstrata, espiritual ou teórica, e se fazer compreender, o divulgador utiliza-se de um suporte concreto da linguagem: o pensamento figurativo ou raciocínio figurativo.

3.2. Argumentação pelo exemplo

Se tomarmos como base os procedimentos argumentativos, concernentes às ligações que fundam a estrutura do real, estabelecidos por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 413), no que diz respeito ao fundamento pelo caso particular, a estratégia argumentativa empregada para fazer-se convencer e obter, consequentemente,

a adesão de seu enunciatório é a argumentação pelo exemplo.

A Beata Teresa de Calcutá é um exemplo evidéssimo do fato que o tempo dedicado a Deus na oração não só não lesa a eficácia nem a operosidade do amor ao próximo, mas é realmente a sua fonte inexaurível. Na sua carta para a Quaresma de 1996, esta Beata escrevia aos seus colaboradores leigos: “Nós precisamos desta união íntima com Deus na nossa vida quotidiana. E como poderemos obtê-la? Através da oração” (Bento XVI, 2008, p. 67-68).

Madre Teresa de Calcutá, um caso particular, é estabelecido como um exemplo, um modelo de conduta a ser imitada. Outros exemplos da prática exemplar da caridade (*caritas-ágape*), mencionados no enunciado, são os Santos:

40. Por fim, olhemos os Santos, aqueles que praticaram de forma exemplar a caridade. Penso, de modo especial, em Martinho de Tours († 397), primeiro soldado, depois monge e Bispo: como se fosse um ícone, ele mostra o valor insubstituível do testemunho individual da caridade. Às portas de Amiens, Martinho partilhara metade do seu manto com um pobre; durante a noite, aparece-lhe num sonho o próprio Jesus trazendo vestido aquele manto, para confirmar a perene validade da sentença evangélica: “Estava nu e destes-Me de vestir [...]”. Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes” (*Mt 25, 36.40*). [36] Mas, na história da Igreja, quantos outros testemunhos de caridade podem ser citados! Em particular, todo o movimento monástico, logo desde os seus inícios com Santo Antão Abade († 356), exprime um imenso serviço de caridade para com o próximo. No encontro “face a face” com aquele Deus que é Amor, o monge sente a impelente exigência de transformar toda a sua vida em serviço do próximo, além do de Deus naturalmente. Assim se explicam as grandes estruturas de acolhimento, internamento e tratamento que surgiram ao lado dos mosteiros. De igual modo se explicam as extraordinárias iniciativas de promoção humana e de formação cristã, destinadas primariamente aos mais pobres, de que se ocuparam primeiro as ordens monásticas e mendicantes e, depois, os vários institutos religiosos masculinos e femininos ao longo de toda a história da Igreja. Figuras de Santos como Francisco de Assis,

Inácio de Loyola, João de Deus, Camilo de Lellis, Vicente de Paulo, Luísa de Marillac, José B. Cottolengo, João Bosco, Luís Orione, Teresa de Calcutá — para citar apenas alguns nomes — permanecem modelos insígnies de caridade social para todos os homens de boa vontade. Os Santos são os verdadeiros portadores de luz dentro da história, porque são homens e mulheres de fé, esperança e caridade (Bento XVI, 2008, p. 71-72).

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 414), para que alguém sirva de modelo “é porque possui, portanto, certo prestígio”, dado que o modelo glorificado é posto a imitação de todos.

Podem servir de modelo pessoas ou grupos cujo prestígio valoriza os atos. O valor da pessoa, reconhecido previamente, constitui a premissa da qual se tirará uma conclusão preconizando um comportamento particular. Não se imita qualquer um; para servir de modelo, é preciso um mínimo de prestígio. [...] O modelo indica a conduta a seguir; serve também de caução a uma conduta adequada (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 413-414).

3.3. Pergunta retórica

Outro recurso argumentativo empregado é a pergunta retórica. De acordo com Discini (2005, p. 340), o enunciador, por meio da utilização da pergunta retórica, “não necessita saber a resposta do leitor, pois a resposta é dada implicitamente no próprio texto”. Desse modo, a pergunta retórica “define-se como meio para a construção da imagem positiva do leitor: aquele que é e sabe que é o legítimo participante da cena enunciativa” (Discini, 2005, p. 340).

Esse efeito de sentido cria um simulacro de subjetividade, com maior aproximação entre o leitor-aprendiz e o enunciador da brochura instrucional.

Mas será mesmo assim? O Cristianismo destruiu, verdadeiramente, o *éros*? Vejamos o mundo pré-cristão (Bento XVI, 2008, p. 9).

3.4. Semiótica e retórica: o argumento metalinguístico

Retomemos a questão proposta logo no início desse trabalho, segundo a qual teríamos como resultante dessa argumentação: (a) uma concepção una de amor, (compacta/concentração) que englobaria uma definição comum; ou (b) uma concepção universalizante (difusa/expansão) que englobaria as demais concepções de amor propostas no enunciado da encíclica.

No que diz respeito à concentração e à intensidade perceptiva, estaríamos na presença do compacto, “a intensidade está no auge, e a morfologia associada é a

do uno, do singular”. Já “com o difuso, [...] a máxima difusão da cisão culmina, agora, na pluralização, que é a morfologia mais intensa” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 137).

Caracterizaríamos a encíclica, dessa forma, mediante a utilização do estilo ascendente segundo a orientação do *menos* para o *mais* ou de um estilo descendente, orientada do *mais* para o *menos*?

Como se coloca o confronto de ideias e, por conseguinte, de pontos de vista que constituem a referida carta encíclica, cujo fio condutor é “suscitar no mundo um renovado dinamismo de empenhamento na resposta humana ao amor divino” (Bento XVI, 2008, p. 5)? Mediante quais recursos discursivos configura-se o posicionamento do sujeito como aquele que é contrário às concepções mundanas de amor, segundo as quais o “eros degradado a puro ‘sexo’ torna-se mercadoria, torna-se simplesmente uma ‘coisa’ que se pode comprar e vender; antes, o próprio homem torna-se mercadoria” (Bento XVI, 2008, p. 12), e que permeiam a sociedade contemporânea? Teria o cristianismo destruído verdadeiramente o eros? Essas são algumas das questões que procuramos elucidar por meio da análise proposta.

Para tanto, o enunciador inicia essa questão por meio do desenvolvimento de uma questão linguística: o argumento metalinguístico. Assim, ele procede à exposição do campo semântico da palavra amor. Desenvolve-se no enunciado uma questão etimológica a respeito dos usos e interpretações da palavra amor. O enunciador utiliza-se da definição oratória que, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca 2005, p. 195, “é uma figura de escolha, pois utiliza a estrutura da definição, não para fornecer o sentido de uma palavra, mas para por em destaque certos aspectos de uma realidade que correriam o risco de ficar no último plano da consciência”.

As definições de *eros* (amor carnal), *agape* (termo característico para a concepção bíblica de amor) e *philia* (amor de amizade) vão sendo expandidas ao longo do enunciado da encíclica.

A expansão, modo de funcionamento metalinguístico do discurso, é utilizada mediante uma formulação sintaticamente delimitada: a definição. A expansão, segundo Greimas (1973, p. 98), do ponto de vista semântico, encontra sua expressão na definição discursiva, circunscrita no quadro das unidades sintáticas que não ultrapassam os limites da frase, sendo interpretada segundo o ponto de vista sintático pelas operações de coordenação, subordinação e recursividade. A essa questão, associamos, segundo o autor, a definição lexicêmica.

Inicialmente, o autor da encíclica procede à definição da concepção de *eros*: “ao amor entre homem e mulher, que não nasce da inteligência e da vontade,

mas de certa forma impõe-se ao humano, a Grécia antiga deu o nome de *eros*” (Bento XVI, 2008, p. 8).

Por meio da instituição de uma pergunta retórica, “o cristianismo destruiu, verdadeiramente, o *eros*?”, o enunciador põe em seu discurso uma possível réplica de seu enunciatário, segundo a qual segue-se a argumentação contra seu “outro”, no caso, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, que, segundo esse enunciado, teria agido de modo falacioso. “Segundo Friedrich Nietzsche, o cristianismo teria dado veneno a beber ao eros, que, embora não tivesse morrido, daí teria recebido o impulso para degenerar em vício” (Bento XVI, 2008, p. 9).

São apresentadas, a seguir, as concepções de eros que contrariam os princípios cristãos e com as quais o enunciador se defronta. No discurso papal, a polifonia está silenciada, pois as vozes em confronto estão sob o controle dele, máxima autoridade da Igreja. O enunciador retoma a questão suscitada logo de início. A mensagem sobre o amor anunciada pela bíblia e a tradição da Igreja se oporiam a essa experiência comum do amor? É justamente essa questão que o enunciador procura responder. Para responder a essa questão, o autor apresenta como fundamentais as definições de eros “como termo para significar o amor ‘mundano’” e de ágape “como expressão do amor fundado sobre a fé e por ela plasmado”, além de retomar a contraposição que se estabelece frequentemente entre as duas concepções, “como amor ‘ascendente’ e amor ‘descendente’”:

Se se quisesse levar ao extremo esta antítese, a essência do cristianismo terminaria desarticulada das relações básicas e vitais da existência humana e constituiria um mundo independente, considerado talvez admirável, mas decididamente separado do conjunto da existência humana. Na realidade, *eros* e *agape* — amor ascendente e amor descendente — nunca se deixam separar completamente um do outro. Quanto mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral (Bento XVI, 2008, p. 15-16).

Diante dessa questão, o enunciador argumenta em favor de uma única realidade, embora em distintas dimensões:

8. Encontramos, assim, uma primeira resposta, ainda bastante genérica, para as duas questões atrás expostas: no fundo, o “amor” é uma única realidade, embora com distintas dimensões; caso a caso, pode uma ou outra dimensão sobressair mais (Bento XVI, 2008, p. 18)

Segue-se a universalização do conceito de amor, segundo o qual o amor a Deus e ao próximo se unificam: “Amor a Deus e amor ao próximo fundem-se num todo: no mais pequenino, encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, encontramos Deus” (Bento XVI, 2008, p. 29)

Por fim, na segunda parte da referida encíclica, ao se referir à prática de amor na Igreja, o enunciador institui a dimensão *caritas-agape* como universalidade do mandamento do amor.

A Igreja é a família de Deus no mundo. Nesta família, não deve haver ninguém que sofra por falta do necessário. Ao mesmo tempo, porém, a *caritas-agape* estende-se para além das fronteiras da Igreja; a parábola do bom Samaritano permanece como critério de medida, impondo a universalidade do amor que se inclina para o necessitado encontrado “por acaso” (cf. *Lc* 10, 31), seja ele quem for (Bento XVI, 2008, p. 42-43).

Tomamos por base a noção de isotopia, determinada pelo ponto de vista do enunciador, que orienta o crivo de leitura, tornando homogênea a superfície do texto. Consideramos a configuração discursiva, segundo propõe Barros (2002, p. 120), “como uma espécie de ‘lexema do discurso’, que subsume vários percursos figurativos e temáticos, além dos narrativos, e conta com algumas figuras invariantes”. Respaldados pelos conceitos de variação isotópica e dimensão dos conceitos isotópicos, estabelecidos por Greimas (1973), identificamos três isotopias diferentes dentro de uma narrativa supostamente homogênea. As dimensões dos três contextos isotópicos diferenciados são definidas pela separação das isotopias. Podemos distinguir diferentes níveis de presença das isotopias na determinação da leitura de um enunciado específico: (a) *eros* (temática do amor mundano); (b) *ágape* (amor cristão); (c) *philia* (temática do amor fraterno). A que se sobrepõe é a temática do amor caridade (*caritas-agape*), que engloba todas as dimensões anteriores.

A definição de *caritas-agape* não pode ser condensada em uma concepção particularizante de amor, dado que ela engloba as demais. Assim, se estabelece uma isotopia complexa, segundo a qual, mediante a polissemia do lexema amor, temos a apresentação de diferentes isotopias para esse termo.

Segue-se a argumentação mediante a exposição da situação geral do empenho pela justiça e pelo amor no mundo contemporâneo (contemporaneidade do enunciado). Assim, o enunciador visa a aproximar-se de seu enunciatário para que ele atenda, por meio da realização de sua *performance*, ao convite deixado por meio desta carta encíclica, “Viver o amor e, deste modo, fazer entrar a luz de Deus no mundo”.

Considerações finais

Podemos verificar, mediante a análise realizada, que o convite de amor proposto pelo enunciador por meio da encíclica não é uma concepção particularizante, una e concentrada de amor, mas uma concepção descendente, difusa e ampla. Delineamos, assim, o estilo da encíclica mediante uma direção descendente, própria à lógica implicativa. Desse modo, temos como característica desse enunciado a direcionalidade tensiva orientada para a expansão espacial e desaceleração temporal. Das noções de *eros*, apresentadas e contrapostas logo no início da presente encíclica, a que se seguiram as definições de *ágape* e *philia*, desenvolve-se, por conseguinte, a noção de *caritas-agape*, que se constitui como uma concepção universalizante de amor, capaz de englobar todas as demais. Desse modo, ao levarmos em conta a apreensão perceptiva desse texto (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 130), podemos concluir que a primeira parte da encíclica, na qual são apresentadas e contrapostas as definições de *eros*, *agape* e *philia*, pertence ao tipo perceptivo do foco. Ao tipo perceptivo do foco, determinado por meio de valores de absoluto, presente nas definições particularizantes das distintas acepções de amor, ao que associamos as noções de triagem axiológica, segue-se, no enunciado, por meio da definição universalizante do amor como *caritas-agape*, o tipo perceptivo da apreensão, associado a valores de universo, e que associamos, por sua vez, às operações de mistura e totalização axiológicas. Observamos, assim, o *ethos* de um intelectual católico, de um teólogo que pretende defender, construindo e não apenas transmitindo, as bases de uma doutrina universal. ●

Referências

- Barros, Diana Luz Pessoa de
2002. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas.
- Barros, Diana Luz Pessoa de
2008. Semiótica e retórica: um diálogo produtivo. In: Lara, Gláucia Muniz Proença; Machado, Ida Lúcia; Emediato, Wander (Org.). *Análises do discurso hoje - vol. 2* Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bento XVI, Papa
2008. *Carta encíclica “Deus caritas est”*. São Paulo: Paulinas.
- Bourdieu, Pierre
1998. A linguagem autorizada: as condições sociais da eficácia do discurso ritual. In: Bourdieu, Pierre. *A economia das trocas simbólicas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, p. 85-96.

- Branco, Nanci Moreno
2009. O dialogismo na encíclica Deus caritas est, de Bento XVI. In: Miotello, Valdemir (Org.). *Dialogismo: olhares, vozes, lugares*. São Carlos: Pedro e João Editores.
- Discini, Norma
2005. *A comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto.
- Fontanille, Jacques; Zilberberg, Claude
2001. *Tensão e significação*. São Paulo: Humanitas.
- Greimas, Algirdas Julien
1973. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Julien
2008. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto.
- Maingueneau, Dominique
2008. Polifonia e cena da enunciação na pregação religiosa In: Lara, Gláucia Muniz Proença; Machado, Ida Lúcia; Emediato, Wander (Org.). *Análises do discurso hoje - vol. 1*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 199-218.
- Meyer, Michel
2007. *A retórica*. São Paulo: Ática.
- Panier, Louis
1986. O discurso de interpretação no comentário bíblico. In: Greimas, Algirdas Julien; Landowski, Eric. *Análise do discurso em ciências sociais*. São Paulo: Global.
- Perelman, Chaïm; Olbrechts-Tyteca, Lucie
2005. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ramos-Silva, Sueli; Minussi, Rafael
2008. Um estudo preliminar do estilo em os sertões. *CASA - Cadernos de Semiótica Aplicada*, vol. 6(1). Araraquara.
- Zilberberg, Claude
2006. *Éléments de grammaire tensive*. Limoges: Pulim.

Dados para indexação em língua estrangeira

Ramos-Silva, Sueli

“*Deus Caritas Est*”: Basis for the Operation of the Concept of Ethos

Estudos Semióticos, vol. 6, n. 2 (2010), p. 30-39

ISSN 1980-4016

Abstract: *This paper aims to study the relations between the deep level of the generative path of meaning and enunciative level in the framework of tensive semiotics (Zilberberg, 2006), which enables an articulation of the semiotic theory and the new rhetoric (see Meyer 2007 and Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005). In this light, we investigate the semiotic notion of style in order to bring together the stylistic approach to discourse and the tensive view. We seek, therefore, to provide the basis for the operationalization of the concept of ethos, observed in the religious diffusion discourse of the encyclical “Deus Caritas Est”, a document promulgated by Pope Benedict XVI on 25 December 2005. The analysis of the encyclical revealed a style marked by its doctrinal content, clarity, references to the Latin language and the effect of indisputableness created by the use of the biblical narrative. Thus, we conclude that the ethos apprehended is that of a superior tone of voice, tied to the values of tradition. Moreover, we also found the ethos to be that of a Catholic intellectual, a theologian who wishes not only to transmit, but also to defend and build the foundations of a universal doctrine. Finally, in spite of its doctrinal and imperative qualities, this subject reveals traits of a benevolent image, as he includes other conceptions of love into the concept of caritas-ágape.*

Keywords: *religious diffusion, rhetoric, ethos, point of view tensive*

Como citar este artigo

Ramos-Silva, Sueli. “*Deus caritas est*”: bases para a operacionalização da noção de éthos. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 6, Número 2, São Paulo, novembro de 2010, p. 30-39. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 06/12/2009

Data de sua aprovação: 30/03/2010
